

# **A MULHER DE 30 ANOS, O ROMANTISMO E A RELAÇÃO ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO**

## **A WOMAN OF THIRTY, ROMANTICISM AND THE RELATIONS BETWEEN PUBLIC AND PRIVATE**

*Jasmine Silva Saraiva<sup>1</sup>*

**Resumo:** O objetivo desse trabalho é traçar relações entre o livro *A Mulher de 30 anos*, de Honoré de Balzac, o movimento do romantismo e as transformações dos espaços público e privado na contemporaneidade europeia. De início será feita uma contextualização da obra em relação ao período em que foi escrita, um panorama a respeito da obra e vida do autor e também suas relações com o Romantismo. A partir disso, será elaborada uma reflexão sobre essas transformações mencionadas e a maneira com que são perceptíveis através dos personagens da narrativa de Balzac. A bibliografia utilizada foi selecionada com objetivo de oferecer fundamentação a esses temas e contextualizações e serão utilizadas as reflexões de pensadores como Hannah Arendt, François Hartog, Michael Löwy e Jürgen Habermas.

**Palavras-chave:** Romantismo, Balzac, Esfera pública, Esfera privada.

---

<sup>1</sup> Estudante do 7º período do curso de História (Licenciatura e Bacharelado) na Universidade Federal do Paraná.

**Abstract:** The purpose of this work is to trace relations between the book *La Femme de trente ans*, by Honoré de Balzac, the romanticism movement and the transformations of public and private spaces in contemporary Europe. Initially, it will be developed the context of the period in which the book was written, an overview of the author's work and life and also its relations with Romanticism. Based on that, a reflection will be elaborated about the relations of public and private in contemporaneity and the way this is perceptible through the characters of Balzac's narrative. The bibliography used was selected in order to provide a basis for these themes. The reflections of thinkers such as Hannah Arendt, François Hartog, Michael Löwy and Jürgen Habermas will be used.

**Key-words:** Romanticism, Balzac, Public sphere, Private sphere.

## Introdução

Honoré de Balzac nasceu na cidade francesa de Tours em 1799, advindo de uma família pequeno-burguesa que alcançou melhores condições econômicas a partir do período pós-Revolução Francesa, que gerou novas oportunidades naquele contexto. Com a ambição de se tornar um grande escritor, Balzac, aos 19 anos, convenceu seus pais a o deixarem viver em Paris, indo atrás de periódicos e editoras que pudessem publicar suas histórias.

Viveu em Paris, portanto, no momento em que os folhetins, almanaque e jornais se proliferavam. Balzac publicou por meio de pseudônimos histórias dos mais diversos tipos – policiais, de aventuras, românticas etc. Utilizava pseudônimos por não desejar que seu nome fosse as-

sociado a obras consideradas menores, só vindo a publicar utilizando seu próprio nome em 1829 como o livro: *A Bretanha em 1800*. A partir desse momento inicia uma grande produção literária, que é paralela a uma tentativa de carreira financeira sem sucesso por parte de Balzac. Endivida-se e começa a produzir romances exaustivamente e enfim conquista a fama que almejara.

Começa a se envolver em um círculo de famílias nobres e burguesas, e nesse momento, inicia um trabalho de compilação de todas as suas obras que se intitula *A comédia humana*. Balzac, nessas obras, dá um enfoque muito maior a personagens femininas do que masculinas, o que posteriormente gera a expressão da “mulher balzaquiana”, que se refere a mulheres mais maduras (e é originada a partir do livro sobre o qual versa esse trabalho).

Aos 47 anos encerra sua carreira com um compilado de oitenta e nove obras, muitas dívidas financeiras e problemas de saúde. Falece aos 51 anos, em 1850, logo após se casar com a polonesa Éve Hanska.

É importante ressaltar o contexto de transformações em que viveu Balzac: a Revolução Francesa, ainda muito recente, influenciara diretamente nas condições de vida do autor, bem como mudou profundamente as estruturas sociais e políticas da França. A ascensão da classe burguesa, a crescente industrialização, o êxodo rural para a cidade e a proliferação de romances, folhetins e almanaque transformaram a cultura e romperam com o modelo de sociedade rural e aristocrática vigente até o

momento. Além disso, há a transformação da esfera pública e privada que será aprofundada posteriormente.

Segundo o prefácio da edição de *A comédia humana* da coleção L&PM Pocket, por Ivan Pinheiro Machado (2017: 10):

A imensidão de um projeto que abarca a um só tempo a história e a crítica social, a análise de seus males e a discussão de seus princípios autoriza-me, creio, a dar à minha obra o título que ela tem hoje: *A comédia humana*. É ambicioso? É justo? É o que, uma vez terminada a obra, o público decidirá.

## O livro

O livro *A mulher de 30 anos* é escrito a partir de várias descontinuidades. Apesar de ser o romance mais famoso do autor, não é considerado o melhor, em parte por ser constituído de episódios escritos em diferentes momentos da vida de Balzac e reunidos apenas posteriormente. A junção dos diferentes capítulos foi feita somente em 1844, no final da carreira do autor, quando ele compilava suas obras para realização de *A comédia humana*. Segundo Hartog (2017: 130):

O tempo de *A comédia humana* não é linear, mas fragmentado em episódios, descontínuo. Sobe e desce do trem, e o

viajante se faz observador do simultâneo do não-simultâneo, dessas temporalidades desarmônicas, desses personagens que dividem os mesmos espaços, mas não vivem no mesmo tempo (...). Balzac queria escrever essa história dos costumes que os historiadores jamais souberam conceber, eles que se atêm a “secas e repulsivas nomenclaturas dos fatos”.

É interessante como essa fragmentação do tempo permite que o amadurecimento dos personagens seja mais visível ao longo da obra. Cada um, especialmente a protagonista, se molda de forma diferente em cada momento, e isso é também por conta desse caráter episódico. Além disso, essa temporalidade deixa ainda mais evidentes as separações dos espaços públicos e privados que serão aprofundados posteriormente, uma vez que em cada lugar temporal diferente da obra são apresentados novos espaços e novas relações deles com os personagens.

A história se passa na França napoleônica prestes a enfrentar a Batalha de Waterloo<sup>2</sup>, que se mostra desastrosa para o país. É um momento de muitas complicações diplomáticas na Europa e tentativas de consolidar territórios, com o posterior exílio de Bonaparte e coroação de Luís XVII. É um momento de grandes transformações, dentre elas o

---

<sup>2</sup> Batalha ocorrida em 18 de Junho de 1815 em que o exército de Napoleão fora derrotado por exércitos da Sétima Coligação. Foi a última batalha de Napoleão, cujo governo chegou ao fim com sua derrota nesse confronto.

período pós-Revolução Francesa e de recente industrialização - que provocaram mudanças sociais, políticas e culturais.

A narrativa de Balzac trata da vida de Julie, uma moça parisiense que se apaixona por um general e, a contragosto de seu pai, se casa com ele. Logo após se juntar a Victor d'Aiglemont, percebe-se infeliz no casamento e na maternidade. O romance trata de épocas muito diferentes da vida de Julie, mas quase todas estão repletas de um descontentamento e melancolia por parte dela. Ela se apaixona por outros homens e, vendo seu marido também ser infiel, desenvolve alguns casos extraconjugais ao longo do romance.

Depressiva, Julie se isola em casa e passa a maior parte do tempo contemplando sua infeliz existência, que se acentua com as críticas feitas a uma sociedade superficial e ignorante, apresentada como um mundo de aparências frias. Julie é uma personagem melancólica e de muita retidão, que, apesar de manter uma aparência de beleza e um porte de delicadeza perante a sociedade, se mostra uma personagem complexa e triste – uma fuga ao padrão da mulher ideal do século XIX.

A obra contém seis episódios de momentos muito diferentes entre si, que tratam de um desenvolvimento da maturidade da personagem e uma percepção cada vez maior por parte dela das infelicidades que as transformações da modernidade trouxeram para a vida dela, que contrastaram com a ansiedade e expectativa de felicidade que ela quando jovem apresenta no início da obra.

## As transformações da esfera pública e da esfera privada

O conceito de esfera privada se define como “a sociedade civil burguesa em sentido mais restrito, portanto o setor da troca de mercadorias e do trabalho social; a família, com sua esfera íntima, está aí inserida” (HABERMAS, 1984: 46).

A partir desse trecho passamos a compreender o conceito privado como sendo parte da nova cultura burguesa, formada a partir das transformações do período expostas anteriormente. O século XIX é um período em que o privado e a intimidade passam a ser valorizados e a família burguesa se institucionaliza como nuclear e patriarcal. Forma-se então a imagem do homem culto, que expressa sua intimidade a partir, por exemplo, da arte.

A sociabilidade se transforma porque não acontece só no público, como antes: há a construção de uma sociedade familiar, na qual a residência é uma de suas maiores representações. A casa burguesa passa a ser compartmentalizada, na qual o espaço domiciliar é separado do local de trabalho por respeito a essa nova questão de intimidade. O casal da família passa a ter um quarto só para eles e meninos e meninas passam a ser separados em diferentes cômodos por conta da sexualidade.

Em *Imaginação Literária e Política* (BREPOHL, 2010), a historiadora Marion Brephohl trata dessas questões a partir de um levantamen-

to da mentalidade pequeno-burguesa. Esse termo (*pequeno-burguês*), por conta do marxismo clássico, teria sido estigmatizado pela lerdeza intelectual, apego às convenções e comportamento autoritário - traria a ideia de alguém com pensamento pequeno e limitado. Segundo a autora, essa visão é errada e generalizante, uma vez que a pequena burguesia é heterogênea em suas atuações e ideias.

Brepohl aponta então que de modo geral a burguesia, desde o fim do século XVII, defendia o liberalismo como sendo a resposta para a nova organização da sociedade. Por volta de 1848 havia uma clivagem entre o burguês e o pequeno-burguês: o primeiro passando a defender a liberdade industrial e o segundo a proteção dos mais pobres.

A partir dos eventos de 1848 nos territórios que viriam a constituir a Alemanha, que foram extremamente simbólicos por tratarem do momento mais expressivo da participação política da pequena burguesia, se inicia o recuo dessa mesma burguesia para o mundo privado, o mundo familiar e da intimidade. Os movimentos sociais desse período se fortaleceram contra as forças da ordem feudal, contra os Estados absolutistas e também pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores, mas, mesmo com essa primavera dos povos de 1848, poucos meses depois os poderes antigos já tinham sido restabelecidos. Nesse momento surgiam movimentos sociais importantes, como dos emigrantes para a América, de socialistas, clubes, lojas maçônicas, sociedades representativas etc.

A memória da violência e repressão sofridas pela pequena-burguesia fez com que esse grupo recuasse: a partir desse momento, em sua maioria, não mais lutavam tanto pela liberdade, pelo socialismo, anarquismo, democracia. Tornaram-se apegados à propriedade e ao nacionalismo e passam a se voltar ao âmbito privado em prol da recusa do político.

Conforme o texto de Brephohl, a literatura passa a ser de grande importância nesse contexto. Proliferam-se romances, folhetins e almanaque de diversos gêneros. Há o surgimento de uma escrita pequeno-burguesa, baseada em cartas, diários, almanaque: o que demonstra um momento de grande manifestação de opinião.

Essas leituras são feitas pela pequena-burguesia no ambiente privado e são constantemente reforçadas por aspectos religiosos de introspecção. As editoras se voltam a agradar ao público e formam-se pequenos museus e clubes de conversações e leitura de livros. A interiorização se torna uma cultura que enaltece pequenos heróis e promove um aumento da importância do privado, além de uma nova onda de expressão dos próprios sentimentos.

Nesse contexto, começa a haver um campo intermediário entre o poder estatal e a esfera mercantil: a esfera pública. Começam a ser trocadas ideias sobre experiências pessoais e sensibilidades, na qual a imagem do homem público se fortalece e permite com que se criem novas relações sociais nesses espaços de troca.

Segundo Habermas, a esfera pública é um espaço em que as pessoas privadas se reúnem para que se possa exprimir opiniões públicas. Nesse contexto se dá a importância da esfera pública literária, dos salões de discussão de livros que se tornavam discussões políticas. A intelectualidade burguesa é ressaltada nesses espaços de formação de opinião. O teatro, os concertos musicais e a arte em geral também ganham destaque nesses espaços e são objetos de contemplação e discussão.

Apesar de diferentes, a esfera pública e a privada são codependentes: a esfera pública só se forma enquanto tal porque é composta de um grupo de pessoas privadas. A esfera privada, no entanto, é ligada ao público porque remete à expressão da subjetividade, à interioridade do indivíduo que precisa ser expressa em diários, cartas ou trocas de experiências entre pessoas. Habermas (apud BREPOHL, 2010: 66) aponta:

Esta subjetividade, como corte interior do privativo, já é, desde sempre, ligada ao público. A antítese à intimidade intermediada literariamente é a indiscrição, não a publicidade enquanto tal. Cartas de outros não são apenas emprestadas, mas copiadas; várias correspondências são de antemão destinadas a serem impressas.

Dessa forma, mesmo com a valorização da intimidade e da privacidade sendo grande no período, também era a expressão dessa subjetividade em público, em espaços compartilhados.

Percebe-se então, a partir dos autores apontados, que a esfera privada contempla questões como a intimidade, a confidência, o segredo, a família e o particular. Esse âmbito é reforçado pela religião - com a busca da interiorização, da reflexão de si – e pela literatura, que por meio de seus romances consolida essa valorização do privado e a volta do burguês para o familiar.

A esfera pública é associada ao que aparece, ao que é comum, como praças, espaços de sociabilidade como o culto ou a missa, as leis, as pessoas notáveis. A esfera pública literária é de grande importância aqui por ser a expressão da subjetividade humana por meio de discussões sobre romances, por exemplo. É importante considerar que atualmente associamos o público com questões políticas, mas esse termo só começou a ganhar tal conotação a partir da ascensão dos movimentos de trabalhadores.

### **A relação dos personagens com o público e o privado**

No romance de Balzac é perceptível a presença do público e do privado em diversos momentos. A protagonista Julie, em sua melancolia e reclusão, se mostra constantemente voltada para o privado. Logo no início da obra, o coronel d'Aiglemont - esposo de Julie - é encarregado de levar ordens de Napoleão ao marechal Soult, que deveria defender a França da invasão inglesa no Béarn. Por conta disso, d'Aiglemont tenta

proteger Julie dos perigos que correria em Paris e por isso a leva à casa de uma senhora parenta, a ex-condessa de Listomére-Landon. Convivendo com a senhora, as duas passam a desenvolver uma grande amizade, na qual Julie troca confidências com ela ao revelar sua infelicidade no casamento, e também revelando o fato de que o sr. D'Aiglemont não era o marido que ela esperava que fosse. A condessa a flagra escrevendo uma carta de desabafo para uma amiga antiga e assim passam a conversar sobre as infelicidades do casamento. Há inclusive uma troca de promessas, em que a condessa de Listomère afirma que iria ajudar Julie com seu marido. Um momento bastante trágico na obra é a morte da condessa, algo que vira a segunda grande melancolia da vida da personagem principal.

Essa relação mostra uma grande exaltação do âmbito privado, da intimidade e da maneira com que essa proliferação da cultura burguesa escrita (e a escrita a respeito de sentimentos) se deu no século XIX. Ao longo de toda a obra Julie está melancólica e sozinha, contemplando sua vida, lendo, escrevendo e sempre em uma profunda tristeza. É possível relacionar essa questão também com o já mencionado movimento da pequena-burguesia para o privado a partir do medo das movimentações sociais. O único momento que traz uma multidão na obra é no início, quando se apresentam Julie e o pai entusiasmados com o aglomerado de pessoas que se juntara para ver as homenagens a Napoleão antes da Batalha de Waterloo. Após essa cena, Julie quase em toda a narrativa se volta para seu lar e mantém um contato mínimo com multidões. A partir

do medo da multidão se constrói o ideal da mulher burguesa como rainha do lar, em paz e feliz consigo mesma, alheia ao mundo exterior – exceto que essa felicidade não está presente na vida de Julie.

O falho casamento entre Julie e sr. D'Aiglemont pode ser também interpretado sob essa perspectiva de público e privado. Enquanto Julie seria uma representação do privado, o sr. D'Aiglemont é a própria figura pública: desde o primeiro momento em que aparece é visto em meio às tropas de Napoleão, no momento em que partiam para a Batalha de Waterloo. Em um segundo momento, quando já casados, o sr. D'Aiglemont é visto levando Julie à casa da condessa e prestes a ingressar em uma nova missão. Nos poucos momentos em que o coronel está no âmbito privado, sua relação com Julie é de frieza e distância, demonstrando uma grande preferência do personagem pelo lugar público.

Em dado momento, Julie descobre a traição de seu marido com a sra. De Sérizy, que frequentemente participa de concertos e eventos em sua residência e é conhecida de tal maneira:

A condessa de Sérizy era uma dessas mulheres que pretendem exercer em Paris uma espécie de domínio sobre a moda e sobre a sociedade; ditava sentenças que, aceitas no círculo onde reinava, pareciam-lhe universalmente adotadas; tinha a pretensão de criar frases lapidares; era soberanamente julgadora. Literatura, política, homens e mulheres, nada escapava à sua censura; e a sra. De Sérizy parecia desafiar a dos outros (...). Espíritoosa, viva, esperta, teve a

seu redor os homens mais distintos da noite. Para o desespero das mulheres, sua apresentação era impecável, e todas invejaram-lhe o corte do vestido (BALZAC, 2017: 61).

Tanto o marido de Julie quanto a condessa de Sérizy se mostram como uma personificação do espaço público e essa relação amorosa perturba profundamente a protagonista.

Julie também, posteriormente, desenvolve relações amorosas com outros homens, como o Lorde Artur Grenville e Carlos de Vandenesse. O Lorde Grenville teria sido o grande amor de sua vida, pois seria um médico que tentaria ajudar Julie quanto à doença que sofria – sua melancolia. Com o consentimento do sr. D'Aiglemont se aproxima de Julie e a leva em viagens que a fazem feliz por um tempo, mas depois há incidentes que acabam por os separar. Lorde Grenville teria falecido ao tentar se despedir dela quando estava à beira da morte. Morre de frio ao se esconder na janela neste encontro em segredo, pois o sr. D'Aiglemont teria chegado em casa antes do previsto e a traição de Julie estava em risco de ser descoberta.

Já Carlos de Vandenesse conhece Julie quando ela já tem 30 anos e ele está em seu último dia em Paris, pois teria propostas que o fariam trabalhar no congresso de Laybach. Cancela sua viagem ao se apaixonar por Julie e passa a visitá-la em sua casa frequentemente, desenvolvendo deste modo uma relação amorosa.

Como já dito, Julie seria uma personagem extremamente voltada para sua intimidade e para o espaço particular. É perceptível, portanto, que seus amantes correspondem a esse padrão, pois só adentram a vida da personagem ao ingressar no âmbito privado de sua vida e não público. Convivem com ela em sua casa, em seu lar, e é somente a partir de então que desenvolvem uma relação com ela. É interessante perceber que o Lorde Grenville aparece primeiramente enquanto Julie está ainda na casa da condessa de Listomére-Landon, e todos os dias ele aparece de cavalo em sua janela para ver de longe a moça. Apesar disso, nesse momento não estabelecem nenhuma relação - talvez por ele ficar somente no exterior e não dentro do lar de Julie.

### **A relação da obra e do autor com o Romantismo**

É perceptível a similaridade de Balzac com a tendência romântica em diversos momentos, mas é uma similaridade com uma idiossincrasia fundamental: a presença do realismo. Balzac faz parte dessa tendência por abrigar a autocrítica da modernidade, pois traz vários levantamentos que apontam a negatividade das transformações sofridas pela França ao longo do século XIX. É um grande crítico da sociedade francesa, visto que trata de questões como o mau-caratismo, a maldade humana, a inveja e a miséria humanas. Segundo a tipologia do romantismo proposta por Michael Löwy, um dos motivos pelo desencantamento do mundo que o Romantismo questionava era fruto de uma sociedade artificial e

de perda da harmonia social. Falava do sofrimento sem idealizar o povo e criticava o rumo que a modernidade tomara a partir disso. Ainda segundo Souza (2017: 21):

O romance deve ser realista. O que isso significa para o autor? Significa que a realidade já possui dramaticidade o bastante para que, sendo descrita em sua materialidade, a partir de sua concretude, consiga expressar uma verdade que dispensa arranjos românticos. Balzac ponta que uma das obrigações a que o historiador de costumes nunca deve faltar, é a de não estragar a verdade com arranjos aparentemente dramáticos, sobretudo quando a verdade já é de si romanesca. E, definindo tal obrigação, ele estabelece uma clivagem ao realismo e ao romantismo do qual, afinal, ele deriva.

Essa ideia de que a realidade já possui dramaticidade o bastante está constantemente presente em *A mulher de 30 anos*. Os dramas da vida de Julie são diversos: a solidão, a traição do marido, a perda de seu filho (morto pela irmã por motivos de ciúmes), o distanciamento dela com sua outra filha em sua velhice, a perda de seu amado Lorde Grenville etc. Apesar disso, a maior das tragédias vividas por ela é de sua não adequação à vida nessa sociedade moderna e artificial, de aparências. Julie é forçada a se portar em público como uma esposa bela, delicada, obediente e gentil, mas em toda a obra é perceptível a contradição dessa aparência esperada em contraste com a realidade de uma angústia pro-

funda em sua vida. A personagem de Julie não se encaixa na expectativa em relação ao ideal de mulher no século XIX, e ela não se encaixa no rumo tomado pela modernidade. Balzac faz uso da situação dessa personagem justamente para mostrar suas próprias críticas à superficialidade da burguesia francesa. Nota-se a presença de um romantismo realista ou naturalista em Balzac, que foge à idealização e busca retratar a dramaticidade da realidade humana. Segundo Hartog (2017: 41):

Para Balzac, se a Sociedade fala, a arte do escrevente é de “surpreender o sentido oculto nesse imenso conjunto de figuras, paixões e de acontecimentos”. Mas nenhuma dúvida vem minar a capacidade da narrativa de revelar exatamente esse real.

Outra característica romântica presente na obra é a questão da nostalgia do passado. No início da narrativa, Julie se encontra ao lado de seu pai aguardando o desfile das tropas de Napoleão e do próprio imperador. A moça, ainda ingênuas, está alegre e animada – algo que destoa com toda a complexidade da personagem no decorrer da obra. Este momento, referente a uma juventude perdida, é constantemente relembrado pela jovem ao longo de sua vida: sente saudades de seu pai e a nostalgia desse momento em que ainda não conhecia os sofrimentos pelos quais viria a passar. Além do mais, os conselhos do pai são de que ela não se casasse com o general d'Aiglemont - mas ela o faz mesmo assim, e de-

pois sofre por ter tomado tal decisão. É um exemplo da nostalgie ao passado presente no Romantismo, que apresenta a ideia de valores, tradições e uma calma perdida pela ascensão da modernidade. Segundo Löwy (2015: 31):

Convém, de preferência, partir de uma hipótese diferente para compreender a obra de Balzac e de muitos outros autores românticos conservadores: o realismo e a visão crítica desses autores não são em absoluto contraditórios com a sua ideologia “reacionária”, passadista, legitimista ou tory. É falso e inútil atribuir-lhes virtudes “democráticas” ou “progressistas” inexistentes: é porque o olhar deles está voltado para o passado que eles criticam o presente com tanta perspicácia e realismo.

Talvez a característica romântica mais presente em Balzac, ao menos nesta obra, é a valorização da subjetividade. A protagonista é complexa, profunda e cheia de contradições que permeiam todos os seis episódios nos quais o livro se divide. É somente pela individualidade da protagonista que é possível compreender a obra, pois é a expressão dos sentimentos de Julie que dá sentido ao enredo. Sua melancolia e retidão são símbolos dessa relação com o Romantismo, que valoriza a interiorização do indivíduo e considera a tristeza como uma consequência da aflição que a sociedade moderna produz.

## **Considerações finais**

São perceptíveis diversas relações entre o contexto de produção da obra, a vida de Balzac e seu caráter romântico e realista, a narrativa da obra e as transformações da sociedade francesa do século XIX – aqui o recorte sendo a questão da esfera pública e privada. Elementos do romantismo se mesclam com a volta da burguesia para sua intimidade e ambos são representados na protagonista Julie.

É muito interessante perceber como o desenvolvimento da personagem faz com que ela se volte cada vez mais para o seu lar, pois é uma representação muito forte dessa transformação da esfera pública e da esfera privada pela qual passa o século XIX.

A partir dessas constatações, é inegável a influência do contexto histórico tanto nas percepções e críticas de Balzac quanto na narrativa em si, nas escolhas da personagem e na maneira com que ela, apesar de ser apenas uma personagem e um indivíduo, representa uma perspectiva macro da sociedade da época.

## **Bibliografia**

BALZAC, H. *A Mulher de 30 anos*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017.

BREPOHL, M. Karl May e o bom civilizador. In: *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880-1945*. Uberlândia: EDUFU, 2010.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARTOG, F. *Crer em História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LÖWY, M. e SAYRE, R. O que é romantismo? Uma tentativa de redefinição. In: *Revolta e melancolia*. São Paulo: Boitempo, 2015.

RONÁI, P. “A vida de Balzac”. In: BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Vol.1. Porto Alegre: Globo, 1940.

SOUZA, R. *Balzac e o sono dos patifes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

Recebido em: 05/08/2019

Aceito em: 26/06/2020